

Agroecologia: substantivo feminino

As mulheres, hoje e historicamente, são protagonistas das lutas do campo e ajudam a construir um presente e futuro biodiverso, com justiça climática e soberania alimentar.

por Bárbara Poerner
e Cândida Schaedler



EmpoderaClima





Texto

Bárbara Poerner
Cândida Schaedler

Revisão

Carmen Roberta Taboada
Renata Koch Alvarenga

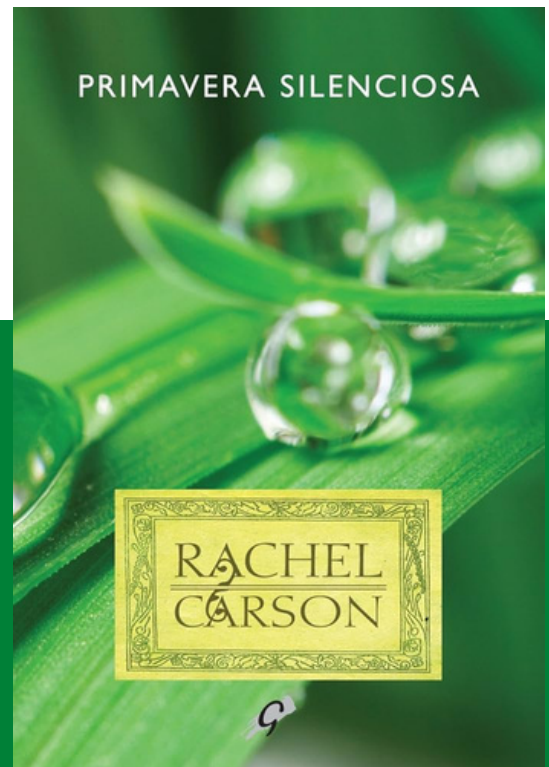
Design

Pedro Godoi



Rachel Carson, Vandana Shiva, Ana Primavesi... estes são alguns dos nomes mais conhecidos quando falamos de ecofeminismo, agroecologia e novas relações com a Terra. **Contudo, essas três mulheres não foram - e não são - as únicas a lutarem por justiça climática no campo.** Existem milhares de camponesas, cientistas, agricultoras, quilombolas, ribeirinhas, indígenas e ativistas que não estão nas páginas dos livros de história, mas construíram e constroem a luta agroecológica.

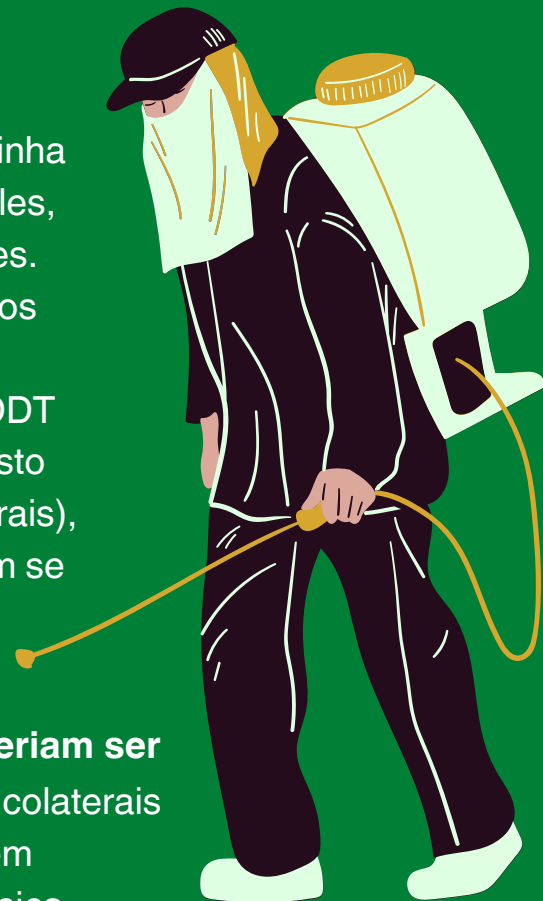
Uma das primeiras a ganhar visibilidade foi a ecologista **Rachel Carson**, que ousou **desafiar as lógicas da produção e disseminação de agrotóxicos**, tornando-se pioneira no tema. Natural do estado da Pensilvânia, nos Estados Unidos, seu livro mais famoso, “Primavera Silenciosa”, faz referência ao silêncio dos pássaros na estação mais florida do ano, uma vez que as aves morriam contaminadas com os pesticidas que eram produzidos e aplicados sem a mensuração correta dos danos. Em 1962, o lançamento da obra, publicada em série na revista New Yorker, foi um divisor de águas, desencadeando contestações e protestos no país e ao redor do mundo contra a aplicação indiscriminada de pesticidas.



Crédito: Erich Hartmann/Magnum Photos



Seguindo um caminho não tradicional, Carson não tinha filiações acadêmicas e escrevia em linguagem simples, dirigindo-se ao grande público e não a pesquisadores. Assim, tornou-se a divulgadora científica mais lida dos Estados Unidos entre as décadas de 1950 e 1960. Quando decidiu denunciar os riscos do agrotóxico DDT (Dicloro-Difenil-Tricloroetano, inseticida de baixo custo que se disseminou rapidamente entre produtores rurais), escreveu a um amigo que “não haveria paz para mim se eu ficasse calada”.



Para ela, os **inseticidas aplicados no campo deveriam ser chamados de “biocidas”**, devido aos seus efeitos colaterais estendidos a animais e a seres humanos. Ela também denunciou a contaminação cruzada (transferência física, direta ou indireta, de agrotóxicos) proveniente das aplicações de pesticidas por aviões, bem como os efeitos a longo prazo da disseminação indiscriminada de novos produtos.

Por ser mulher, foi desacreditada de todas as maneiras. Linda Lear escreve, na introdução de “Primavera Silenciosa”, que a indústria química multimilionária não permitiria

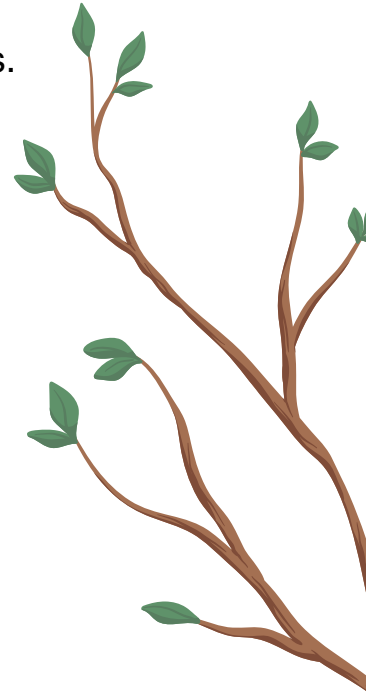
“

que uma antiga redatora do governo, uma cientista sem doutorado e nenhuma filiação institucional, conhecida apenas por seus livros líricos sobre o mar, minasse a confiança pública em seus produtos ou questionasse sua integridade. [...] Ela era uma ‘amante dos passarinhos e coelhinhos’, uma mulher que tinha gatos e, portanto, era obviamente suspeita. Era uma ‘solteirona’ romântica, que estava simplesmente nervosa por causa da genética.

”



Ainda conforme Lear, na introdução de “Primavera Silenciosa”, Rachel Carson faleceu, vítima de câncer de mama, um ano e meio após a publicação de sua obra mais famosa. O teor da pesquisa levantou investigações federais nos Estados Unidos, culminando em leis em todas as esferas para proteger a integridade da natureza e dos agricultores e agricultoras. Internamente, o DDT foi proibido nos EUA seis anos após a morte de Carson. No entanto, a exportação do mesmo agrotóxico continuou - mais uma dicotomia da complexidade dos interesses do capital em detrimento da natureza e da humanidade.



A Não-Revolução Verde de Vandana Shiva

O ativismo de Rachel Carson faz parte dos enfrentamentos à Revolução Verde, movimento que ganhou força também do outro lado do globo, com a indiana [Vandana Shiva](#).



Crédito: Frank Schwichtenberg



Shiva é mestre em filosofia e doutora em física. Nasceu em Dehra Dun, cidade do norte da Índia, aos pés do Himalaia. Ainda adolescente, na década de 1970, participou do movimento chamado Chipko, que unia mulheres na proteção das florestas himalaias contra o desmatamento. Em 1982, criou a **Fundação de Investigação para a Ciência, Tecnologia e Ecologia** (RFSTE), um instituto de investigação independente que aborda os problemas mais significativos da ecologia dos nossos tempos, e dois anos depois, Navdanya ('nove sementes'), o movimento em defesa da biodiversidade e dos pequenos agricultores.

Entre tantos títulos e premiações internacionais, Shiva questiona, há décadas, o impacto da Revolução Verde. Importada dos Estados Unidos, sua premissa era industrializar o campo e aumentar sua produtividade. A promessa era acabar com a fome no mundo por meio de sementes geneticamente modificadas, monoculturas e intensivo uso de agrotóxicos.

Na década de 1980, **a Revolução Verde forjou o que conhecemos hoje como agronegócio no Brasil**. E ela vem dando muito certo para minar a biodiversidade da natureza, produzir commodities e agravar a desigualdade social, a concentração de terras e os conflitos fundiários.

Outra coisa que foi impulsionada (e financiada) à época foi a monocultura: o cultivo de um único produto agrícola, realizado, geralmente, em latifúndios. O resultado é colhido, literalmente, na atualidade, onde 4,3% do território brasileiro é ocupado apenas por plantações de soja. Isso equivale a 36 milhões de hectares, ou o mesmo que a área da República do Congo e superior a países como Itália, Vietnã e Malásia. Metade desse total está no bioma do Cerrado.



Crédito: Mirko Fabian/Unsplash



Shiva vai além e chama isso de monocultura da mente, termo que é também o título de um de seus livros mais conhecidos, publicado pela primeira vez no Brasil em 2003. Para a ativista, a monocultura começa na forma de pensar, e depois contamina a Terra. **Trata-se de não enxergar a biodiversidade**, e, com isso, estabelecer sistemas de poder e dominação baseados no extermínio das diversidades culturais, ecológicas e sociais.

A ativista aponta isso na forma de produzir nossos alimentos. É difícil fugir de algum que não tenha sido geneticamente alterado, e, conseqüentemente, uniformizado.

Dados da Embrapa mostram que a cada 100 hectares plantados com soja hoje no planeta, 80 são de sementes com genes alterados.



No caso do milho, são 30 para cada 100.



Em território nacional,

92%

da **soja** é transgênica

90%

do **milho** é transgênico

47%

do **algodão** é transgênico

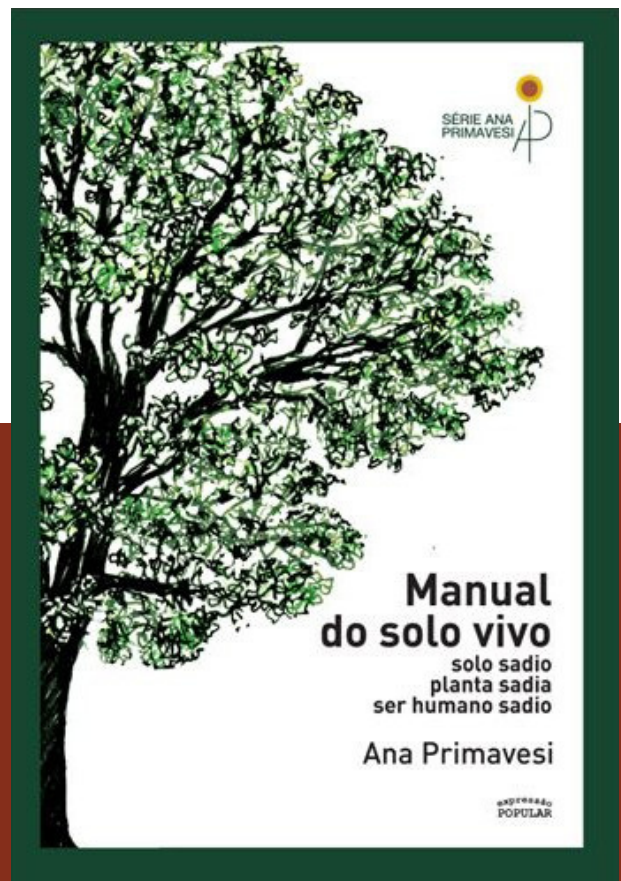
A partir da análise dos Censos Agropecuários locais, um estudo da Oxfam alerta que apenas 1% das fazendas ou estabelecimentos rurais na América Latina concentra mais da metade (ou 51,19%) de toda a superfície agrícola da região. A desigualdade de gênero também fica nítida neste dado. **São os homens que estão à frente de 87,32% dos estabelecimentos**, representando 94,5% das áreas rurais brasileiras.



Acontece que a Revolução Verde ficou mesmo longe de cumprir sua promessa: mesmo com altos índices de produção agrícola primária, [33 milhões de pessoas passam fome no Brasil](#).

Quem são as mulheres que estão criando outros paradigmas ecológicos, do campo à mesa?

No Brasil, uma das principais vozes na propagação da agroecologia foi **Ana Primavesi**, austríaca naturalizada brasileira cuja principal contribuição foi versar sobre a importância do solo no entendimento da linguagem da natureza.

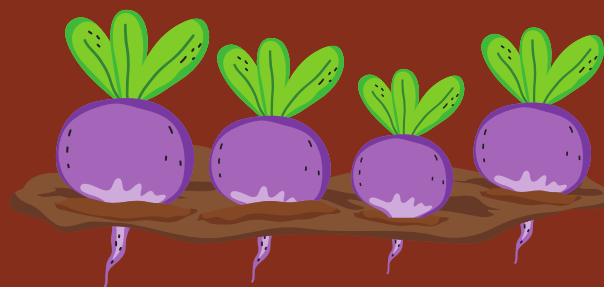


Crédito: Luiz Prado Luz



Em “**Manual do solo vivo: solo sadio, planta sadia, ser humano sadio**”, Primavesi já entrega sua principal teoria: que a saúde do solo restabelece a saúde das plantas e, somente com plantas verdadeiramente saudáveis, o ser humano ingere os nutrientes necessários a partir dos alimentos produzidos. Caso contrário, os alimentos são pobres em vitaminas - e as pessoas adoecem.

No manual, ela explica as bases da agroecologia: o entendimento dos sinais da natureza (enviados por meio de “pragas” e de ervas daninhas, que são indicadores da saúde do solo, revelando deficiências ou excessos de minerais) e a importância da biodiversidade. Restabelecer a saúde do solo é, portanto, entender o funcionamento da natureza, equilibrar corretamente nutrientes e dedicar um olhar holístico aos sinais, observando o ambiente como um todo e indo além de soluções universalizantes.



Ao longo de sua carreira, **Primavesi também se dedicou a propagar preceitos da agricultura tropical**, que difere sobremaneira da agricultura praticada em solos europeus. Por conta da colonização e da importação de tecnologias, não há a compreensão correta de que cada ecossistema possui seu funcionamento próprio. No Brasil, portanto, diferentemente de países europeus, o solo necessita ficar sempre coberto, por causa das altas temperaturas.



Seguindo os ensinamentos agroecológicos de Primavesi, há diversos movimentos que utilizam o enquadramento de gênero no respeito à biodiversidade. O [Movimento das Mulheres Camponesas](#) (MMC) é um desses exemplos de luta, coragem e resistência no campo. Surgiu em 1980, década na qual o país vivia a redemocratização e intensas lutas fundiárias, que deram origem a outras entidades importantes, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Oficializado em 2004, o MMC somou as vozes das mulheres a âmbito nacional e firmou um projeto camponês, popular, agroecológico e feminista.



Crédito: SOS Corpo.org / Reprodução

Desde o início do MMC, também houve a defesa das sementes crioulas (variedades que não foram modificadas geneticamente e são preservadas e repassadas por gerações). As mulheres que preservam esses saberes tradicionais são conhecidas como Guardiãs de Sementes e seu trabalho é essencial para garantir a biodiversidade. O MMC lançou, em 2020, uma campanha nacional intitulada “[Sementes da Resistência](#)” para disseminar as práticas do cultivo crioulo e impulsionar o trabalho das Guardiãs.



Como o trabalho agrícola das mulheres ainda é visto, muitas vezes, como extensão do cuidado com a casa, ele é facilmente invisibilizado. Mas um [estudo publicado pelo Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura \(IICA\)](#) mostra que as mulheres que participam de associações, cooperativas ou movimentos se sentem com autoestima mais elevada, contribuindo para o empoderamento e para práticas que visam sua emancipação e protagonismo.

Outro exemplo é a **Marcha das Margaridas**, que tem sua sétima edição programada para agosto de 2023, em Brasília. O evento é o maior movimento de mulheres do campo da América Latina, no qual as campeãs marcham para defender seus territórios, florestas e águas. Para saber mais, leia o artigo [Mulheres na Agricultura](#), publicado em 2022 pela EmpoderaClima.



Crédito: Téo Miranda





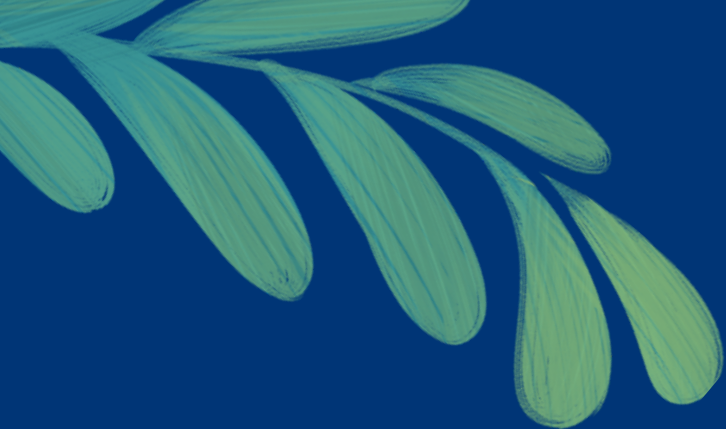
Equidade de gênero + respeito à biodiversidade = justiça climática

Apesar de possuírem trajetórias distintas, Rachel Carson, Vandana Shiva e Ana Primavesi convergem em uma **visão holística do meio ambiente**. Se cada planta tem sua função dentro de um ecossistema, quando nos enxergamos como natureza também entendemos que o mesmo comportamento deve ser adotado pelos seres humanos. Para elas, a biodiversidade abarca a ideia de respeito às diferenças, de que prosperamos em ambientes diversos, com cooperação.

Não é à toa que as mulheres estão, quase sempre, na linha de frente da luta agroecológica. Ao mesmo tempo em que são as mais afetadas pelas mudanças do clima, elas também lutam por uma nova relação com a natureza, baseada no Bem Viver, no ecofeminismo e na compreensão de que **a emancipação da Terra é também a emancipação de seus corpos e das amarras de gênero**.

Portanto, não há justiça climática na produção de alimentos sem feminismo, sem equidade de gênero e sem justiça. Essa prática compreende a escuta e o respeito de saberes ancestrais e uma relação verdadeiramente íntegra com a natureza que há dentro e fora de cada um.





EmpoderaClima

empoderaclima.org

  @empoderaclima

 EmpoderaClima

